



VERÃO D
S. MARTINHO
D GIL VICENTE

Verão de São Martinho

Foi em boa hora que o Hospital Termal, na pessoa do Dr. Vasco Trancoso e da Dr.^a Rosário Sabino e a Câmara Municipal de Caldas das Rainha, através da sua Vereadora da Cultura, Dona Maria da Conceição Jardim, nos incitaram a realizar uma acção vicentina por alturas dos quinhentos anos da representação do *Auto de S. Martinho* na Igreja do Populo. A nossa resposta está aí e é este *Verão de São Martinho*, que ao milagre pretende juntar uma vontade de viver correspondente às manifestações vitais da própria natureza por alturas da Primavera/Verão, estações que no tempo arcaico eram a mesma.

1. 500 anos

Faz quinhentos anos que por alturas do Corpo de Deus, Vicente terá escrito e representado, a pedido de D. Leonor, o *Auto de S. Martinho*. Único no género no seio de obra, trata-se de um momento de uma vida de santo, são um verso nobre e uma construção frásica sofisticada que tecem a voz de um pobre chagado, que não tem alternativa à esmola para sobreviver. A pobreza é deste modo, digamos que "nobilitada".

Lembrando-se dos tempos em que fora "galã viril", a pobre criatura é vítima de pulsões contrárias: por um lado o ser biológico apela ao pão, por outro a presença de sinais vitais e belos, na memória e na natureza, instigam-no a uma atitude suicidária. Morte "leva-me daqui", diz a cada momento, pois o corpo é já uma ruína e não "merece vida".

É ao apelo lancinante deste pobre - há qualquer coisa de "happening" no auto - numa situação limite, figura de morte e "pestilência", que o público terá de responder demonstrando a autenticidade da sua fé cristã por gestos e sentimentos, não propriamente em contexto de representação mas na vida quotidiana.

Questionado o público na verdade íntima dos seus afectos sociais, é para a entrada de São Martinho em cena que convergem todas as atenções e o sentido do auto. Este partilhará com o pobre a sua capa, gesto que no pequeno auto parece conter em projecto toda a intenção programática da acção sócio caritativa da Rainha Dona Leonor, ao mesmo tempo que a intenção didáctica de Gil Vicente, pois o auto sendo uma vida de santo é também e principalmente uma moralidade, género que vem do período medieval, tão presente nos textos vicentinos. A partilha da capa significa essa capacidade de estar com os que sofrem, com os mais frágeis, mesmo com os estigmatizados socialmente, numa época em que a peste se equivalia à catástrofe mais ou menos oculta hoje em dia, segundo a conveniência de marés mediáticas, em que estamos submersos: a sida.

Deste ponto de vista o auto é tão violento pelo que diz como outrora foi perante a plateia de nobres que o escudou e que é referida no auto quando os "ricos" são interpelados. Vicente, ele próprio, dirá com Cristo, que a esmola dada pelos ricos lhes acrescentará riqueza. Ironia das ironias, na sociedade portuguesa de 2004, as sopas dos pobres em vez de diminuírem de número e frequentadores, aumentam, conferindo ao auto uma actualidade mais premente.

2. Igreja do Populo

Foi nesta Igreja que o auto foi representado. O que se percebe no corpo do auto. Quando o pobre diz "deixai-me passar por esta carreira" é ao corredor central da Igreja que ele se refere, tudo indicando que o momento do milagre se representaria numa posição privilegiada no espaço, defronte do altar. Nesta perspectiva, a representação teatral, não só afirmaria a sua vocação religiosa, como terá convivido, sem ser discriminada, com a prática regular dos officios, justamente usando a zona mais sagrada da Igreja como palco. O teatro, nesta circunstância, e ao contrário de muitas outras, a maior parte delas, era portanto considerado pela Igreja como um

valor, um valor didático e um modo eficaz de passar verdades aos crentes e não crentes.

De reter que esta Igreja, quanto à sua estrutura espacial interna, não terá sofrido alterações significativas e que portanto será hoje o único espaço em que é possível tentar reencontrar o modo como Gil Vicente terá posto um auto em cena. Essa seria uma relevante investigação a fazer, eventualmente mais útil que muitas outras em torno da santidade ou infernalidade das águas sulfurosas, tipo de pista que entusiasma muito académico a caminho da cátedra.

3. 1985

Em mil novecentos e oitenta e cinco, o Teatro da Rainha, dando os seus primeiros passos, com este auto se confrontou. Na altura a decisão dramaturgica levou-nos a fazer uma espécie de "colagem", juntando a São Martinho a peça de Anrique da Mota sobre o Provedor do Hospital de Caldas, que era tão seco de atitudes e comportamento, que, era mais provável que um pau seco espetado em chão estéril florisse, do que este se humanizasse, e também a leitura do Compromisso da Rainha relativo ao Hospital, documento moderníssimo para a época (já fomos modernos, podem estar certos!).

Esta apresentação fizemo-la na altura dentro da Igreja do Pópulo, pisando então o chão sagrado que Vicente, o santo a quem devotamos a nossa fé teatral, pisara. Foi um baptismo que nos confortou e orientou a nossa acção futura.

4. um Portugal deprimido

E a questão em Junho de 2004 é: que fazer com este auto? Antes do mais porque isoladamente, não sendo irrepresentável (muito pelo contrário, a sua qualidade poética e oral-cénica cativa-nos), sabe a muito pouco. Todo feito não vai além de sete minutos bem cronometrados. Não poderia a opção ser pela montanha, quinhentos anos de vida do auto, e depois parar o rato, sete minutos de "performance". Este foi o ponto de partida. O que nos levou à descoberta fundamental deste espectáculo: a articulação do *Auto* com a primeira parte do *Triunfo do Inverno*. E fizemo-lo não a partir apenas do *Auto de São Martinho* e do momento emblemático do gesto que levou à santificação de Martinho, a simbólica partilha da capa, mas da lenda popular que é associada a São Martinho e que é bem interessante, pois se confunde com os rituais do solstício de verão, estreitamente associados ao tio Baco, tinto e branco. E é de festa associada ao reverdecer e florir da natureza que falamos, pois somos naturalistas e gostamos de festejar o corpo e os seus prazeres. Mas, para além desta estratégia, da conversão do gesto de Martinho na emergência do Verão em cena, a articulação entre as duas peças é também de ordem fabular. No *Triunfo do Inverno* o pastor João Cigarra, como o nome indica, passou o verão a namorar e não cuidou de se defender do inverno. Quando este chega resta-lhe a memória do amor por Inês Bilha, que agora amaldiçoa, pois não tem samarra, nem nada que se trinque e o amor "nunca paga soldada". Deste modo, a sua desgraça está eminente, a pobreza extrema bate-lhe à porta. Será então João Cigarra o pobre do *Auto*, o que de um ponto de vista dramaturgico faz todo o sentido. E no final tudo vai redimir, pois à força, energia e beleza da natureza nem as chagas do pobre vão resistir.

É este ponto de arranque, melhor dizendo, ponto de chegada, pois neste caso é como se partíssemos para o espectáculo de um pressuposto que é uma solução para o seu final, um festa verdadeira, autêntica, em contraponto com a festa do Portugal cada vez mais televisivo que nos martelam e impingem (que nada tem de festa, mas tudo tem de manipulatório e perigosamente ciclótico e esquizofrénico, como se o

país, mesmo a pátria, coubessem num pontapé na bola e esta fosse tudo o que temos, petróleo e memória de feitos - onde andarão os feitos que a extinta "Comissão das Descobertas" quis redescobrir para nós, cultivando-nos doses de autoestima, esse bem que rareia?) faz tanto mais sentido quando a primeira parte do *Triunfo do Inverno* parece retractar este Portugal leite-deficiente em que nos meteram. Nunca se pensou tanto em percentagens e dinheiro. Se a dolarização do mundo é um facto, um outro é esta sensação de estarmos todos a dever dinheiro a papões abstractos, como se o crime não compensasse (e toda a gente sabe que compensa e que é prática estabelecida de poderes, dos poderes).

5. do milagre ao pé de dança

E assim foi. O *Triunfo do Inverno* diz: que havia um Portugal alegre e feliz há uns tantos anos e que agora tudo é soturno e triste. Até as cantigas são de enterro e o ambiente é de morte. Não andamos todos a dizer isto, enquanto somos sorvidos pelo buraco televisivo (muito mais perigoso que o do ozono) ?

E foi por isto que quisemos fazer este *Verão de São Martinho*, uma forma de dizer que a Festa não é qualquer coisa que decidam por nós, que não é o resultado de nenhum marketing mas que, pelo contrário, estará em nós como uma energia que é nossa e vem da nossa identidade cultural, quanto menos eles nos tenham, eles que são esses que nos andam a vender um estafado paraíso para nos sugarem as carnes, o desejo e as energias.

E a Festa vem através do gesto de partilha da capa que a lenda popular transforma numa noite de água-pé, castanhas e pé de dança.

6. na Europa do défice

Que é feito desse Portugal que está nas recolhas de Giacometti e de Fernando Lopes Graça? Foram também uma companhia útil neste trabalho. É um farol orientador. Neste país de serviços e turismo ele não cabe? Certo, eram formas associadas a determinadas condições económicas e profissionais e o tempo anda para a frente, mesmo quando anda para trás. Mas não devemos retrabalhá-las e revisitá-las como uma memória rica e como fértil identidade reactivável?

O espectáculo, tal como a maçã não calibrada, necessita de bicho e alguma desordem, para saber bem.

Foi isso que tentámos, viajar para um paladar futuro que também está na nossa memória.

Não terminarei este texto sem dizer uma última coisa: a componente musical que o integra é também, como a mensagem do auto, o resultado de um generoso gesto do Francisco Carrilho, do António José Xavier e do José Carlos Flores, que conosco quiseram partilhar, não uma capa como Martinho, mas os seus talentos de instrumentistas e pessoas de bom ouvido. Bem hajam! O nosso muito obrigado. Sem eles o nosso auto não cantaria.

Fernando Mora Ramos

Interpretação **Carlos Borges**
Fernando Mora Ramos
Isabel Lopes
José Eduardo
Victor Santos

Execução Musical **António José Xavier**
Francisco Carrilho
José Carlos Flores
José Carlos Faria

Traduções, adaptação e dramaturgia **Isabel Lopes**

Encenação **Fernando Mora Ramos**

Cenografia e figurinos **José Carlos Faria**

Organização Musical, Selecção e Versões das peças executadas **Francisco Carrilho, José Carlos Faria, António José Xavier e José Carlos Flores**

Iluminação **António Plácido**

Concepção e execução da estrutura cenográfica **António Canelas**

Objectos cénicos e adereços de guarda roupa
(Cavalo de S. Martinho, casaco do Inverno e samarra do pastor) **António Canelas**

Cabeleira da figura do Inverno e grinalda da velha **Isabel Lopes**

Execução do Guarda-Roupa **Atelier Mary Mag**
Ana Maria Fernandes
Belmiro Ferreira

Operação de luz e som **António Anunciação e António Plácido**

Montagem **António Canelas e António Plácido**

Assistente de Montagem **António Anunciação**

Produção **Ana Pereira**

Assistentes de Produção **Ana Patrício, Susana Pereira, Natália Ferreira**

Fotografia **Paulo Nuno Silva**

Agradecimento muito particular a **Francisco Carrilho, António José Xavier e José Carlos Flores**

e também a: **Acácio Carreira, Manuel Coutinho, Rui Gonçalves (Norte Flash), PSP de Caldas da Rainha e EDP de Caldas da Rainha**

